



LITERATURA COMO POTÊNCIA DE PENSAMENTO RESISTÊNCIA E (RÊ) EXISTÊNCIA

Eixo Temático EIXO 03 - ARTEFATOS CULTURAIS, MÍDIAS E EDUCAÇÃO: DISCUTINDO OS CORPOS, OS GÊNEROS E AS SEXUALIDADES EM DIVERSOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

Isabel Ribeiro Marques ¹
Juliana Corrêa Pereira Schlee ²

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um exercício de escrita que almeja colocar em suspenso verdades fortemente atreladas a produção de discursos de gênero. Lançando mão de conceitos como verdade, discurso e gênero e, com aporte teórico em autores que podem engajar esses exercícios de pensamento, a tessitura metodológica se dá através de uma escrita que busca provocar sobre a constante distribuição de verdades que insiste em padronizar opiniões e comportamentos. A literatura atravessa o texto de forma constante, dançante e sutil, aspirando proporcionar momentos de oxigenação em meio a densas estruturas que insistem em padronizar. O convite é suspeitar de certezas, almejando possibilidades de ser, estar, viver, “com-viver”, existir e quem sabe, “re-existir”.

Palavras-chave: Literatura; Gênero; Discurso; Verdade.

¹ Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande - FURG, isabel.marques.82@gmail.com;

² Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande - FURG, julianaschlee@gmail.com



INTRODUÇÃO

No presente trabalho pretendemos problematizar questões atinentes à produção de verdades no que concerne aos discursos de gênero. Apesar de estarmos vivenciando uma “pseudo-modernidade”, encontramos muitas vezes tais discursos alocados de forma distante e destoante da vida, mesmo que nos corredores das escolas, nos intervalos, nos grupos, no café, seja um assunto que perpassa a todos.

Pensando sobre temas tão importantes e emergentes, acreditamos que, através de um exercício de escrita, podemos criar espaços de existência, resistência e “re-existência”.

CONTORNOS METODOLÓGICOS

Os contornos metodológicos se deram através de uma tessitura artesã, onde a escolha das linhas, das palavras, das ponderações foi sendo feita ponto a ponto. Buscando colocar em suspenso, verdades em congruência com provocações e questionamentos. Com base em pressupostos literários e filosóficos, a composição foi sendo composta. A escrita se deu sob intempérie e calma, sob calor e frescor, sob sorrisos, arrepios e olhos que muitas vezes marejaram.

Diante de inquietações, que interpelam a caminhada, buscamos apoio teórico em potentes pares que convergem em potência de pensamento e reflexão. Dentre tais operadores epistemológicos, destacamos Michel Foucault e autoras como Ryane Leão e Chimamanda Adiche, que auxiliam a buscar ranhuras diante tanta sedentarização de pensamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Somos constantemente influenciados através do que vemos e sentimos. Nossa trajetória de vida é o que nos faz pensar sobre o mundo, mesmo que de imediato não o percebamos. O piloto pilota, mas também é pilotado pelas intempéries, a vida é um incessante processo de viver aprendendo e aprender vivendo, porém pela educação formal as vezes é um embate (Maturana e Varela, 2011, p. 10).



Convivemos com muitas verdades, as discussões entremeadas aos discursos de gênero estão pulverizadas. Entendemos que os ideais de verdade que se aderem aos discursos são muito reforçados por repetições. Quem nunca ouviu:

“Rosa é de menina”

“Azul é de menino”

“A cozinha é de menina”

“O carrinho é de menino”

“Homem não chora”

“Mulher é o sexo frágil”

“Ele traiu pois é homem”

“Ela traiu, ela não presta”

Sem entrar no mérito que dentre homens e mulheres existem muitas maneiras de constituição de masculinidades e feminilidades, o que gostaríamos de ilustrar são as construções sociais que (ainda) perpassam a vida. Aproveitando palavras de Ávila:

ao visibilizar as discussões sobre gênero, é mostrar que o mesmo não está apenas no campo de uma teoria, mas que integra e regula as relações sociais, políticas, econômicas e culturais entre homens e mulheres e entre homens e entre mulheres. Além de suas intersecções com outros marcadores de classe, raça e etnia, etc. (Ávila, 2018, p. 52).

Apenas fragmentos recordados, mas visando salientar o entendimento de que a discussão de gênero não se constrói apenas em papéis masculinos e femininos, mas são atravessados pelas relações de poder que operam, hierarquizam e tornam tais discursos ainda mais convincentes (Louro, 2020, p. 28).

Recordamos Foucault que explana sobre as verdades:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; (Foucault, 2015 p. 52).

Somos constantemente bombardeados por verdades que insistem em padronizar, voltando aos exemplos citados anteriormente: sobre o dualismo menina versus menino,



as cores, os brinquedos, os comportamentos. Que verdades rasas são essas? Recordamos de Nietzsche (2012, p. 84), que diz: “A falta de consideração pelo individual fornece nos o conceito e, com isso, tem início o nosso conhecimento: no rubricar, nas tabulações de gêneros.” Porém, não se trata de apenas um rubricar, os dualismos, provocam efeitos nefastos ao longo de séculos! Basta pensarmos um pouco sobre como as crianças estão sendo educadas, ou melhor, como esses corpos, na sua maioria, estão sendo adestrados. Há uma constante “coerção ao verdadeiro, a obrigação de verdade; os procedimentos ritualizados para produzi-la há milênios atravessam completamente toda a sociedade ocidental e agora se universalizaram para se tornar a lei geral de toda civilização” (Foucault, 2015, p. 248).

Castro afirma que “ao formularem-se as questões concernentes à escola e às relações pedagógicas, parece haver uma recusa ou uma resistência às narrativas sobre as sexualidades e relações de gênero. Embora sejam parte desses currículos, exatamente porque constituem os sujeitos e suas experiências” (2014, p. 68).

Precisamos olhar para nossos discentes. Pensar em nossas verdades. Questionar sobre o que acreditamos. Duvidar! Muitas vezes perguntas são mais férteis que respostas prontas.

O quanto de possibilidades pode haver ao colocarmos verdades em suspenso!?

A fagulha motivadora da escrita busca pensar as questões de gênero e os discursos entremeados. Entendemos a importância dessas articulações e vislumbramos a literatura como possibilidade de ação. Aproveitando Foucault que lindamente diz, que a literatura pode ser entendida como “*una forma de plantear los temas de la contestación, el límite, el retorno, la transgresión, como posibilidad (...)de pensar desde lo impensado*”. (apud Sauquillo, 2017, p. 58).

Pensar o impensado! O quão profundo e impensado a se pensar! Talvez nessas possibilidades que Foucault provoca, viva o encanto pelas letras. E desperte a potência em desnudar tantas possibilidades na seara educacional através da leitura, literatura e pensamento.

Buscando aporte, Ryane Leão, destaca que: se enganam os que não sabem que a literatura também é uma arma a mais carregada a mais poderosa tanto que os livros que um dia foram incendiados ficaram (Leão, 2017, p. 100).

Acreditamos que a literatura é sim, carregada e poderosa. Pensamos em arma no sentido de munir, deixar o artefato pronto para novos disparares, novas miras?



Talvez... mas pensamos nas armas como uma pequena granada de pensamento que ao ter seu dispositivo acionado pode gerar ondas inimagináveis.

O poema de Ryane converge nesse misto de potências que a leitura de forma despretensiosa pode propiciar. Alunas e alunos munidos de pensamento, reflexão, resistência, com possibilidades, mesmo que micro, de estranhar verdades tidas como legítimas. Mas que são construções... Construções. Mas que nos constroem também, somos constantemente constituindo e sendo constituídos por diferentes atravessamentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões que se provoca se entremeiam aos discursos de gênero tão banalizados e tantas vezes menosprezados. A escola que debela uma série de vidas pensantes e atuantes, que vivem as questões de gênero, porém tantas vezes deixam tais discussões nos corredores, refeitórios ou nas mensagens silenciadas.

Ryane diz:

a água do mar está gelada demais e ninguém se arriscou a entrar. já reparou que as pessoas fogem do que pode tirá-las da temperatura ambiente? eu não sou desse jeito. gosto da adrenalina do que tiver que ser será. sempre é, sempre será. tenho pavor de raso, quando metade do corpo fica dentro da água e metade não. eu sou dos fundos, entende? (Leão, 2017, p. 66)

Às vezes sair do morno, do tranquilo, pode ser amedrontador, doloroso, porém, exige coragem de tentar novas maneiras de ser e estar. Nesse sentido, convidamos a entrar, em águas geladas, junto ao poema de Ryane.

Muitas vezes deixamos discussões importantes intocáveis, como se não houvessem mais espaços para cavoucar momentos de pensar sobre, e quem sabe assim, possamos ter o pensamento em nômades moradas.

Entendemos que a literatura possa auxiliar na emergência dos debates relacionados aos ideais de verdade aderida às questões de gênero, pela potência de desencadear processos no micro pensar. Ranhuras no que está dado. Pequenas fissuras que podem arejar, oxigenar o que se mostra tão instituído. Não para trazer novas verdades, mas buscando criar momentos de pensamento e reflexão diante de realidades tantas vezes fabricada.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quanto de potência pode ser trabalhado em discurso de gênero? Um poema, uma frase, de forma tímida e aparentemente simples, pode desencadear tanto micro pensar... Acreditamos nas infindáveis possibilidades de semear a literatura como um novo espaço de vivência e problematização em temas que interpelam a vida.

Com esse convite, provocamos que possamos ter momentos de reflexão e pensamento sobre o que nos constitui. Sobre atravessamentos tão presentes e abafados. Não propomos de forma alguma que coloquemos uma “nova” verdade, uma revolução estrondosa às práticas desenvolvidas em sala de aula. Longe disso, provocamos que fiquemos à espreita, nas linhas tênues das fissuras, aquelas micro, que muitas vezes não damos atenção, mas podem ser os principais vazamentos de uma estrutura.

Para findar o texto, cita-se Ryane Leão, companhia, que tanto inspira o pensar:

uma hora a gente aprende
a fechar todas as janelas antes de deitar
a deixar abertas só as frestas que importam

(Leão, 2017, p. 91)

Nosso até breve do trabalho, tentou fechar as portas quando a escrita possibilitou uma delimitação, porém deixa janelas abertas com o convite de deixar o ar oxigenar e, assim nos despedimos, não com um ponto final, mas ao sentir essa brisa e novamente encher os pulmões, antes de colocar (ironicamente) reticências que são muito mais que três pontinhos...

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Dárcia Amaro. Gênero nas malhas discursivas do desenvolvimento sustentável: emergências, bio/ecopolíticas e dispositivos. Tese (doutorado em Educação Ambiental) Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, 2018.
- CASTRO, Roney Polato de. Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



gênero, sexualidade e formação em Pedagogia, 2014. 256p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014

CHIMAMANDA, Adiche. O perigo de uma história única. São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

LEÃO, Ryane. Tudo nela brilha e queima. São Paulo : Planeta, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós estruturalista. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2020.

MATURANA E VARELLA. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento. São Paulo: Palas Athena. 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira . São Paulo: Hedra, 2012.

SAUQUILLO, Julián. Michel Foucault: Poder, saber y subjetivación. Madri: Alianza editorial, 2017.